



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL**

**LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ARBUSTIVA ARBÓREA DE UM
FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA LOCALIZADO NA APA DO
PRATIGI, IBIRAPITANGA-BAHIA-BRASIL**

VALDOMIRO VICENTE VICTOR JUNIOR

CRUZ DAS ALMAS - BAHIA

OUTUBRO-2014

VALDOMIRO VICENTE VICTOR JUNIOR

**LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ARBUSTIVA ARBÓREA DE UM
FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA LOCALIZADO NA APA DO
PRATIGI, IBIRAPITANGA-BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Engenharia Florestal.

Orientador: Prof.^a Dr. Josival Santos Souza

Co-orientadora: Prof. Dra. Andrea Vita Reis Mendonça

CRUZ DAS ALMAS – BAHIA

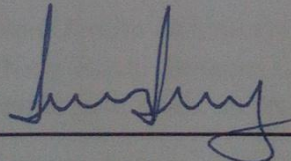
OUTUBRO - 2014

LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ARBUSTIVA ARBÓREA DE UM
FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA LOCALIZADO NA APA DO
PRATIGI, IBIRAPITANGA-BAHIA

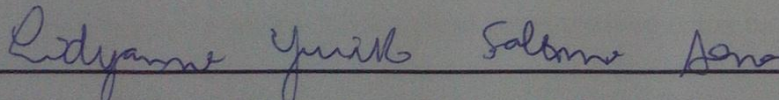
VALDOMIRO VICENTE VICTOR JUNIOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao colegiado do curso de Engenharia
Florestal da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Engenharia Florestal.

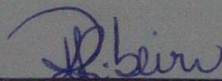
Comissão Examinadora:



Prof. Josival Santos Souza (Doutor em Biociências e Biotecnologia) – UFRB



Prof. Lidyanhe Yuriko Saleme Aona (Doutora em Biologia Vegetal)- UFRB



Prof. Patricia Luz Ribeiro (Doutora em Botânica)- UFRB

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e disposição concedidas assim permitindo cumprir mais uma jornada.

A minha família, pela formação ética e moral que me proporcionou; aos incentivos nos momentos de fraqueza e o apoio em todos os sentidos para que esse trabalho fosse possível.

Ao meu orientador, Prof. Josival Santos Souza e co-orientadora Prof^a Andrea Vita Reis Mendonça, a quem extendo meu respeito e admiração, pelas oportunidades concedidas desde os primeiros semestres, pela postura ética, competência, zelo e honradez como profissionais, que durante todo período mostraram ser amigos e pais exemplares.

A minha namorada Jamille por estar sempre ao meu lado.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professores e servidores do Curso de Engenharia Florestal pelos ensinamentos ministrados.

Aos amigos e colegas de Mata, Neto, Lorena, Thaison, Lucas, Louise e Matheus pelos momentos juntos no campo, pelas horas de caminhadas, pelas brincadeiras e até brigas, pelos apelidos, pelas reclamações, pelas chuvas, vocês foram imprescindíveis para o sucesso desse trabalho.

A OCT (Organização da Conservação da Terra do Baixo Sul) pelas bolsas concedidas e pelo financiamento do projeto.

Aos Professores Jomar Jardim da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Eve Lucas e Nicole Berry do Kew Royal Botanic Garden e Lidyanne Aona da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia pela ajuda na identificação botânica, fazendo com que esse trabalho fosse possível.

Ao Colega Grênivel do HURB pelo auxílio dando algumas sugestões.

Ao mateiro e amigo Joilson (Joy) pelos ensinamentos na mata e ajuda em todos os sentidos.

Aos meus colegas da Turma 2008.1 e 2009.1 por todos os momentos inesquecíveis!

Emfim, a todos aqueles que de forma direta ou indireta ajudaram na realização desse trabalho.

RESUMO

VICTOR JUNIOR, Valdomiro Vicente. TCC; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Outubro, 2014; Título: **Levantamento da vegetação arbustivo arbórea de um fragmento de Mata Atlântica localizado na APA do Pratigi, Ibirapitanga-Bahia.** Orientador: Josival Santos Souza Co-orientadora: Andrea Vita Reis Mendonça.

O objetivo deste estudo foi realizar levantamento florístico e fitossociológico de uma área de floresta ombrófila localizada na Área de Proteção Ambiental do Pratigi. Foram mensurados 2239 indivíduos, com DAP ≥ 5 cm, em vinte parcelas de 10 x 50 m em um setor de 162 hectares da APA. Até o momento foram identificadas 66 famílias botânicas, 138 gêneros e 342 espécies arbóreas. A fitofisionomia da APA do Pratigi corresponde a uma Floresta Ombrófila Densa Submontana, e com base nas informações obtidas e na Resolução Conama nº 5, de 4 de maio de 1994, encontra-se no estágio médio de regeneração. Considerando as espécies identificadas, as famílias com maior número de indivíduos foram: Myrtaceae (136 ind.), Nyctaginaceae (122 ind.), Sapotaceae (103 ind.), Fabaceae (91 ind.), Euphorbiaceae (90 ind.), Lauraceae (81 ind.), Rubiaceae (74 ind.) e com maior riqueza de espécies foram: Myrtaceae (55 spp.), Fabaceae (30 spp.), Lauraceae (29 spp.), Apocynaceae (12 spp.), Melastomataceae (12 spp.), Chrysobalanaceae (9 spp.), Annonaceae (8 spp.), Boraginaceae (8 spp.), Malvaceae (7 spp.), Clusiaceae (6 spp.). Destacaram-se na análise estrutural: *Guapira laxiflora* (DR =3,93; DoR = 1,84) e *Alchornea glandulosa iricurana* (DR =2,32; DoR = 0,80). O DAP médio da área em estudo foi de 13,2 cm e a distribuição diamétrica revela que 80,6% dos indivíduos apresentam DAP inferior a 18,5 cm, havendo concentração nas menores classes de diâmetro. A área basal média ($m^2 ha^{-1}$) e o número de indivíduos ($ind. ha^{-1}$) foram respectivamente: $50,67 \pm 5,34$ e 2248 ± 133 . A área de Mata Atlântica estudada apresentou índice de Shannon Wiener (H') de 4,05, valor este abaixo da média para Mata Atlântica, mas também próximos de algumas áreas em bom estado de conservação, a Equabilidade de Pielou (J') foi de 0,695, valor de média heterogeneidade que pode ser explicado por uma grande população de uma única espécie.

Palavras Chave: Mata Atlântica, Fitossociologia, floresta ombrófila.

ABSTRACT

VICTOR JUNIOR, Valdomiro Vicente. TCC; Federal University of Reconcavo of Bahia, October 2014; Title: **Survey of the tree shrub vegetation of a fragment of rainforest located in the APA pratigi, Ibirapitanga-Bahia.** Advisor: Josival Santos Souza. Co-advisors: Andrea Vita Reis Mendonça

The aim of this study was to conduct floristic and phytosociological survey of an area of tropical rain forest in the area of pratigi Environmental Protection. 2239 individuals were measured with $DBH \geq 5$ cm in twenty plots of 10 x 50 m in a section of 162 acres the APA, 66 botanical families, 138 genera and 342 tree species were identified. The physiognomy of the APA pratigi matches there is a Tropical Rain Forest Submontane, and based on the information obtained and the CONAMA Resolution No. 5 of May 4, 1994, is in the intermediate stage of regeneration. Considering the identified species, families with larger numbers of subjects were: Myrtaceae (136 ind.), Nyctaginaceae (122 ind.), Sapotaceae (103 ind.), Fabaceae (91 ind.), Euphorbiaceae (90 ind.), Lauraceae (81 ind.), Rubiaceae (74 ind.) and greater species richness were: Myrtaceae (55 spp.), Fabaceae (30 spp.), Lauraceae (29 spp.), Apocynaceae (12 spp.), Melastomataceae (12 spp.) Chrysobalanaceae (9 spp.), Annonaceae (8 spp.), Boraginaceae (8 spp.), Malvaceae (7 spp.), Clusiaceae (6 spp.). Stood out in the structural analysis: *Guapira laxiflora* (DR = 3.93; DoR = 1.84) and *Alchornea glandulosa subsp. iricurana* (DR = 2.32; DoR = 0.80). The average DBH of the study area was 13.2 cm and the diameter distribution reveals that 80.6% of individuals have dbh less than 18.5 cm, with concentration in the smaller diameter classes. The average basal area (m^2/ha) and number of individuals (ind/ha) were respectively: 50.67 ± 5.34 and 2248 ± 133 . The Atlantic Forest area studied have Shannon Wiener index (H') of 4.05, value below average for Atlantic Forest, but also close to some areas in a good state of conservation, the evenness (J') was 0.695, average value of heterogeneity that can be explained by a large population of a single species.

Keywords: Phytosociology, rain forest.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Estado da Bahia com a localização da APA Área de Estudo da Área de Preservação Ambiental do Pratigi, Serra da Papua no município de Ibirapitanga-Bahia.....	15
Figura 2– Mapa de localização das parcelas no fragmento de mata da Área de Preservação Ambiental do Pratigi, Serra da Papuã no município de Ibirapitanga-Bahia.	16
Figura 3. Classificação sucessional das espécies amostradas na Serra da Papuã, no município de Ibirapitanga, Bahia.	19
Figura 4. Distribuição em classes de diâmetro dos indivíduos amostrados na Área de Proteção Ambiental do Pratigi (BA)	21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Lista das famílias identificadas no fragmento de floresta ombrófila na APA do Pratigi, Ibirapitanga-Bahia.....	18
Tabela 2– Lista das espécies e análise da estrutura horizontal da área de estudo	34

Sumário

RESUMO	v
ABSTRACT.....	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE TABELAS	viii
INTRODUÇÃO	10
REVISÃO DE LITERATURA	11
• Domínio da Floresta Atlântica no Sul da Bahia	11
• O corredor central da Mata Atlântica e a APA do Pratigi	12
• Levantamentos realizados no Sul da Bahia	13
MATERIAIS E MÉTODOS	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
CONCLUSÕES.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXO I	34

INTRODUÇÃO

Inserida no projeto Corredor Central da Mata Atlântica, área de extrema riqueza biológica e de muitas espécies de distribuição restrita e ameaçadas de extinção (PRADO et al., 2003; AGUIAR et al., 2005; AYRES et al., 2005; IPEMA, 2005), a APA (Área de Proteção Ambiental) do Pratigi tem como missão assegurar a proteção da biodiversidade e dos recursos hídricos. Foi criado pelo decreto nº 7.272, 02 de abril de 1998 e tinha uma área de 48.746 ha onde posteriormente foi ampliado pelo decreto nº 8.036 de 20 de Setembro de 2001, totalizando uma área de 85.686 ha (INEMA, 2004). A APA do Pratigi tem a Área de Proteção Especial Serra da Papuã, que engloba o ponto mais alto de toda a área da APA com cota de até 677 metros, o relevo é constituído por uma sequência de cristas alongadas e direcionadas SW-NE, com morros arredondados e encostas com fortes inclinações, sendo uma área de relevância para conservação da fauna e flora devido às elevadas altitudes e ao relativo grau de conservação da vegetação em estágio médio de sucessão das encostas e topos de morros (INEMA, 2004).

Dados atuais informam que resta cerca de 8,5% da vegetação original da Mata Atlântica distribuída em fragmentos florestais de tamanho reduzido (<100 ha), biologicamente empobrecido e cuja restauração poderia levar centenas de anos (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 2014; LIEBSCH et al., 2008). Mesmo com esta fragmentação, o mosaico da Floresta Atlântica brasileira possui um dos maiores níveis de endemismos do mundo (MYERS et al., 2000). Os remanescentes de florestas ainda existentes no Sul da Bahia, excetuando-se as áreas protegidas como Parques Nacionais e Reservas Biológicas, concentram-se nos topos de montanhas e/ou em encostas mais íngremes (THOMAS et al., 2008; AMORIM et al., 2009). Diante dos fatos apresentados esse trabalho tem como objetivo caracterizar estrutura da vegetação e analisar a composição florística num fragmento de floresta ombrófila densa submontana de 162 ha na região do baixo sul da Bahia na Serra da Papuã no município de Ibirapitanga-Bahia.

REVISÃO DE LITERATURA

- **Domínio da Floresta Atlântica no Sul da Bahia**

Remonta ao século XVI o interesse sobre a flora brasileira com numerosos botânicos europeus visitando o país do século XVII até o final do século XIX para estudar as paisagens e a flora do Brasil (GIULIETTI et al., 2005), junto ao interesse da flora também é marcado o começo da destruição de Mata Atlântica brasileira (MITTERMEIER et al., 2005). O primeiro ciclo da devastação foi à exploração em larga escala do pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.) até então abundante do Ceará ao Rio de Janeiro, sendo seguida posteriormente pelos ciclos da cana-de-açúcar, criação extensiva de gado, exploração de minérios, café e já no início do século XX o aumento exponencial da população brasileira, com a urbanização dos grandes centros e a industrialização (CÂMARA, 2005; NEVES, 2006; YOUNG, 2005). Calcula-se que a área original cobria entre 1.300.000 a 1.500.000 km², estendendo-se por mais de 3.300 km ao longo da costa leste do Brasil (MORELLATO & HADDAD, 2000).

O Domínio da Floresta Atlântica é um complexo de ecossistemas de grande importância, pois abriga uma parcela significativa da diversidade biológica do Brasil e do mundo. Os altos níveis de riqueza e endemismo, associados à destruição sofrida no passado, incluíram a Floresta Atlântica definitivamente no cenário mundial como um dos 34 Hotspots de biodiversidade (MITTERMEIER et al., 2004). Em 1988, o pesquisador Inglês Myers, tentando identificar regiões de altos níveis de biodiversidade onde fosse urgente a implantação de ações para conservação, criou o termo 'Hotspots' (Myers et al. 2000). É considerada Hotspots uma área com pelo menos 1.500 espécies endêmicas de plantas e que tenha perdido mais de ¾ da sua vegetação original. Hoje a Floresta Atlântica se encontra como um 'Hotspots', ou seja, uma região rica e ameaçada (CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL, 2004).

Apesar de toda essa devastação, o sul da Bahia inserido no Domínio da Floresta Atlântica, é considerado por diferentes pesquisadores (MORI et al., 1983; GENTRY, 1992) como sendo um dos principais centros de endemismo do bioma e potencialmente diverso para alguns grupos de plantas. Como demonstrado em alguns estudos, é uma área de extrema importância biológica devido aos seus elevados níveis de riqueza de espécies (THOMAS et al., 2008; MARTINI et al., 2007).

A região apresenta ainda uma significativa concentração de árvores nativas em relação a outras regiões da Floresta Atlântica, fato que em parte se deve ao sistema tradicional de

plantio do cacau sob a sombra da floresta raleada, conhecido na região como “cabruca”, sistema que mantêm uma variedade de plantas e animais nativos favorecendo a conexão de áreas protegidas (LOBÃO, 2007).

Thomas et al., (1998) em seus trabalhos com Mata Atlântica no Sul da Bahia reforçam a importância da sua conservação pelo seu alto grau de endemismo e riqueza de espécies. Na Reserva Biológica de Una 44,1 % das espécies são endêmicas da Mata Atlântica e 28,1 % endêmicas do Sul da Bahia (THOMAS et al. 1998). Em Serra Grande Sul da Bahia foi encontrada 458 espécies arbóreas, uma das maiores riqueza do mundo (THOMAS et al., 2008). Dados mais atuais indicam que restam cerca de 8,5% da vegetação original (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 2014) distribuída em fragmentos florestais de tamanho reduzido (<100 ha), biologicamente empobrecido e cuja restauração poderia levar centenas de anos (LIEBSCH et al., 2008). A riqueza da Floresta Atlântica foi estimada por Myers, et al., (2000) em 20 mil espécies de plantas vasculares, sendo oito mil (40%) endêmicas. O conhecimento da composição florística e da estrutura fitossociológica de uma área florestal é um pré-requisito importante para a tomada de decisões quanto à recomposição da vegetação, conservação de populações e de comunidades, bem como para o manejo e a exploração em bases sustentáveis (LOBÃO, 2007).

- **O corredor central da Mata Atlântica e a APA do Pratigi**

A faixa litorânea compreendida entre o sul do Recôncavo Baiano até a região centro sul do Espírito Santo foi definida como área do Corredor Central da Mata Atlântica (CCMA), abrangendo mais de 8.635,900 ha (MMA, 2006). Essa definição foi baseada em diversos critérios entre os quais estão riqueza de biodiversidade e de espécies endêmicas, espécies ameaçadas, grau de conectividade, integridade dos blocos de paisagem natural, diversidade de comunidades e ecossistemas (ALVES, 2007).

Dentro do projeto Corredor Central da Mata Atlântica, a Área de Proteção Ambiental Pratigi foi criada pelo decreto nº 7.272, 02 de abril de 1998 (48.746 ha) e ampliada pelo decreto nº 8.036 de 20 de Setembro (36.940 ha), assim totalizando uma área de 85.686 ha (INEMA, 2004). A APA do Pratigi foi criada com a missão de assegurar a proteção da biodiversidade e dos recursos hídricos, através da conservação da Mata Atlântica e de seus ecossistemas associados, promovendo a conectividade entre os remanescentes, o

disciplinamento do uso e ocupação do solo e o desenvolvimento sustentável promovendo melhorias de qualidade de vida das comunidades.

Dentro da APA do Pratigi se encontra a Área de Proteção Especial (APE)- da Serra da Papuã que corresponde uma região específica de vulnerabilidade que engloba o ponto mais alto de toda a área da APA com cota de até 677 metros (INEMA, 2004).

Como reforça Rocha, (2012) cada altitude retêm espécies exclusivas contribuindo assim para a elevada riqueza nas regiões montanhosas, sendo estas áreas únicas e especiais para a Mata Atlântica.

- **Levantamentos realizados no Sul da Bahia**

Thomas et al., (1998) estimou os níveis de endemismo da flora de duas áreas no Sul da Bahia, sendo que na primeira área 28,1 % (Reserva Biológica de Una) das espécies são endêmicas do Sul da Bahia e na segunda área 26,5% (Serra Grande), este estudo estimulou a criação do Parque Estadual da Serra do Conduru. Sambuichi, (2006) analisando a vegetação nativa remanescente em uma área de cabruca no Sul da Bahia encontrou uma alta diversidade, demonstrando assim o quanto é diversa a Mata Atlântica do Sul da Bahia mesmo após cortes seletivos. Martini et al., (2007) em estudo realizado no Parque Estadual da Serra do Conduru no Sul da Bahia comparou a densidade de espécies arbóreas com 22 áreas de todo o mundo e do Brasil, onde somente uma área na Colômbia teve maior densidade de árvores do que o encontrado, este foi o primeiro estudo comparando densidade de árvores da Mata Atlântica com outras áreas de grande diversidade do mundo, demonstrando assim que a alta riqueza de espécies de árvores no sul da Bahia está claramente associada com a alta densidade de indivíduos encontrados nessas florestas.

Thomas et al.(2008) levantando a diversidade de espécies lenhosas no Sul da Bahia em área de 1 ha encontrou 458 espécies de arbóreas pertencentes a 67 famílias utilizando um DAP maior que 5 cm, valores este de riqueza encontrada somente em áreas de inventários no Noroeste da América do Sul na região amazônica. Amorim et al., (2009) durante os anos de 2004 a 2008 realizando levantamento florísticos nas Florestas Atlântica montanas do Sul da Bahia, registrou 1.129 espécies em 467 gêneros e 124 famílias, sendo que o hábito arbóreo representou quase 50 % das espécies, sendo as Rubiaceae com o gênero *Psychotria* o destaque com 21 espécies. A heterogeneidade florística e a elevada riqueza verificada neste estudo e

em outras áreas da Bahia, evidenciam a enorme importância dos remanescentes florestais em áreas de altitude no sul da Bahia, já que essas áreas compõem apenas 2,62% da área total do estado. Thomas et al., (2009) estudando uma floresta serrana no Sul da Bahia no município de Jussari, registrou 1400 indivíduos pertencentes 264 famílias em 56 gêneros, sendo a espécie de maior IVI a *Cariniana legalis* com apenas 12 indivíduos, alcançando grande importância por sua alta dominância. Rocha, (2012) em Floresta montana no Sul da Bahia na RPPN da Serra Bonita, analisou dois trechos de vegetação em diferentes altitudes e detectou variações abruptas na composição, demonstrando assim a importância na manutenção da diversidade encontrada na Floresta Atlântica, pois cada altitude retém espécies exclusivas contribuindo assim para a elevada riqueza das regiões montanhosas, reforçando assim a necessidade de esforços para conservação e pesquisas nas regiões montanhosas do Sul da Bahia.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na Área de Preservação Ambiental de Pratigi na Serra da Papuã (Figura 1), que fica localizada a 12 km do município de Gandu pela BR-101 sentido Ibirapitanga, em um fragmento de aproximadamente 162 hectares (Figura 2), longitude -13,91° e latitude -39,36°, localizado no município de Ibirapitanga – BA. O clima da região é Af de Köppen, sem estação seca (Alvares et al., 2013). Segundo o IBGE (2012), a área está classificada como Floresta Ombrófila Densa Submontana. O solo predominante na região é o Latossolo Amarelo distrófico típico (SANTANA et al., 2002). Para realização do levantamento fitossociológico foram lançadas, por amostragem sistemática, vinte parcelas permanentes de 500 m² (10 x 50 m), totalizando 1 ha de universo amostral. Em cada parcela, todos os indivíduos com diâmetro a 1,30 m de altura (DAP) \geq 5 cm, exceto lianas e indivíduos mortos, foram etiquetados com plaquetas de alumínio numeradas e mensurados.

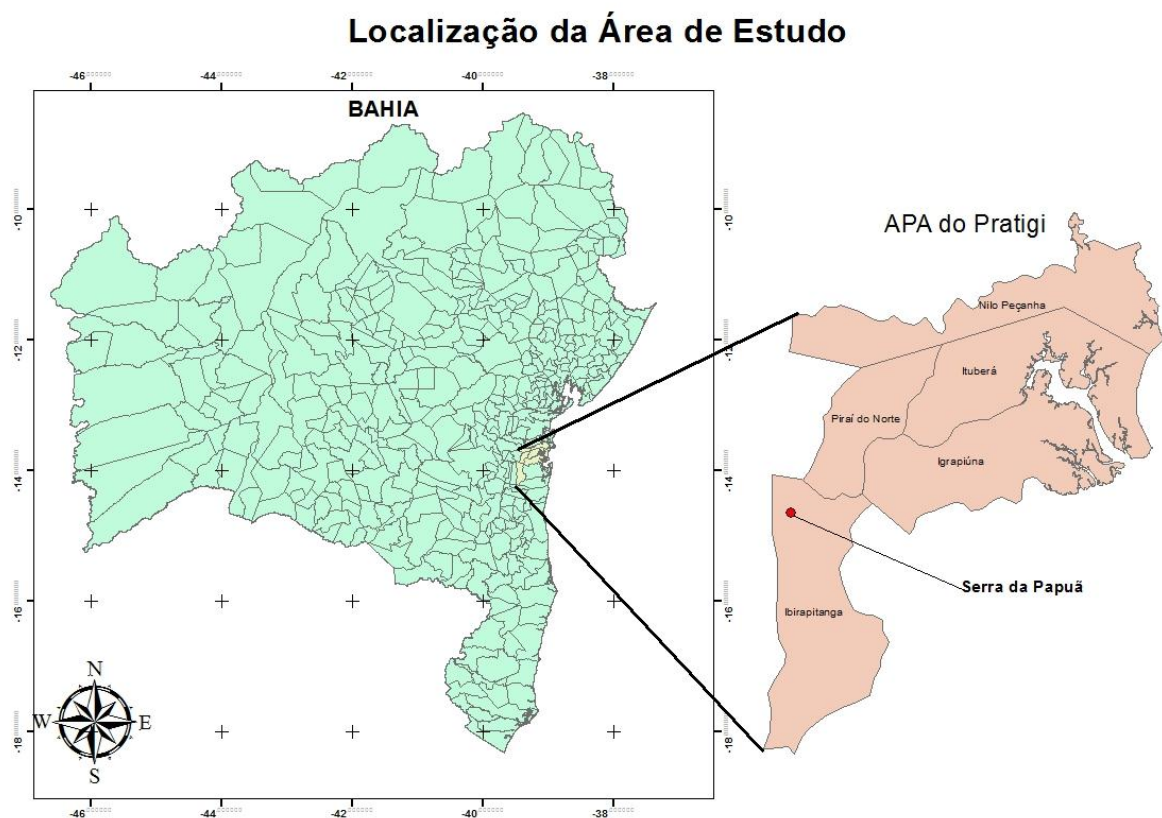


Figura 1- Mapa do Estado da Bahia com a localização da APA Área de Estudo da Área de Preservação Ambiental do Pratigi, Serra da Papua no município de Ibirapitanga-Bahia.

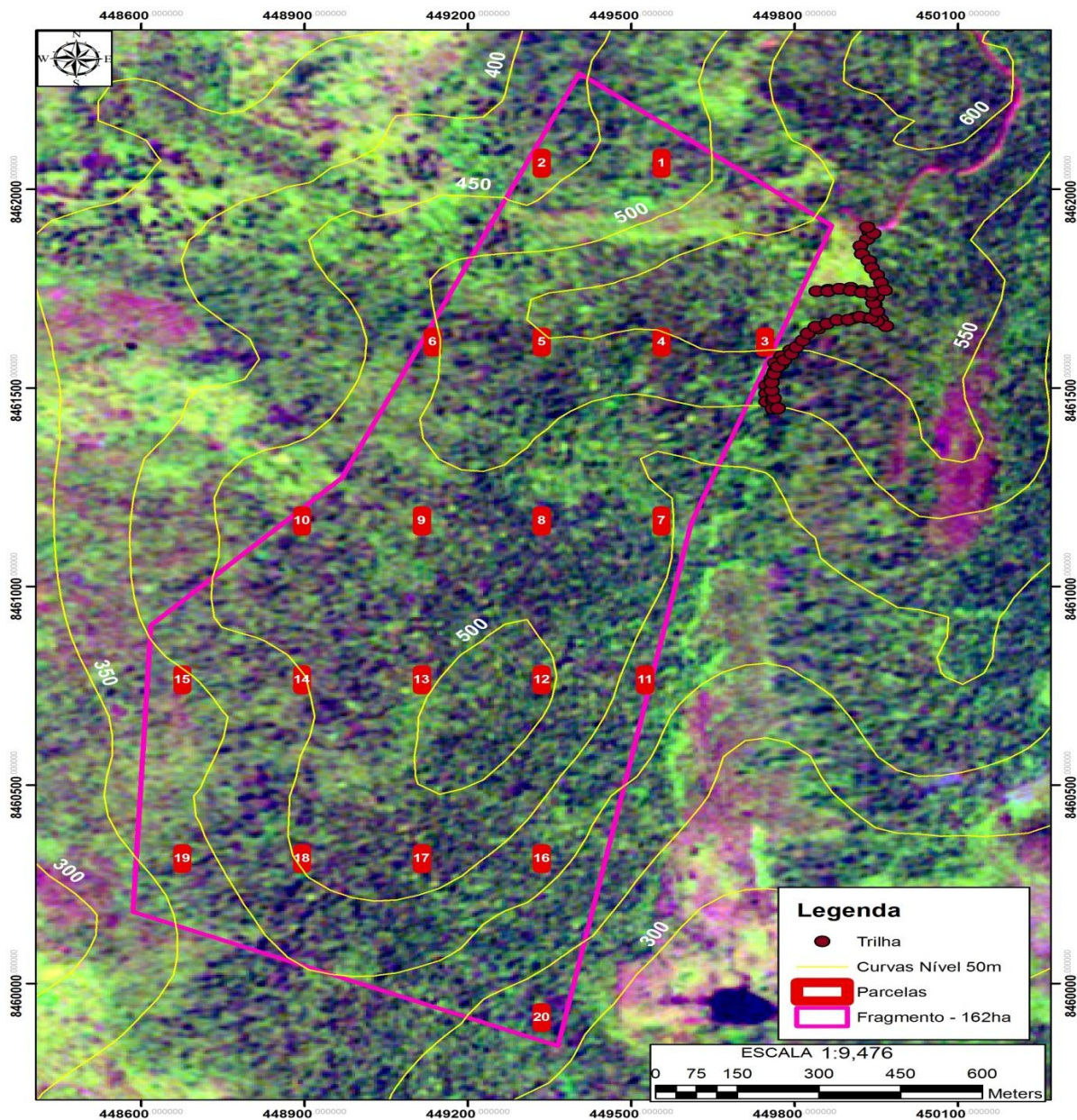


Figura 2– Mapa de localização das parcelas no fragmento de mata da Área de Preservação Ambiental do Pratigi, Serra da Papuã no município de Ibirapitanga-Bahia.

As coletas do material botânico foram realizadas no interior das parcelas, sendo acrescidas de coletas de outros indivíduos em caminhadas em todo o fragmento. Os materiais botânicos foram herborizados conforme MORI et al., (1989). A classificação das espécies em famílias foi de acordo com o sistema do Angiosperm Phylogeny Group (APG III, 2009). A identificação botânica foi realizada com auxílio de especialistas de diferentes famílias botânicas (Jomar Jardim da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Eve Lucas do Kew

Royal Botanic Garden, Nicole Berry também do Kew Royal Botanic Garden e Lidyanne Aona da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), comparação de material e visita ao Herbário CEPEC/UESC em Ilhéus-Bahia. Para descrever a estrutura da comunidade arbórea foi utilizando o programa FITOPAC 2.1 (SHEPHERD, 2010) onde foram calculadas as variáveis quantitativas clássicas propostas por (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974): densidade absoluta (DA), frequência absoluta (FA), dominância absoluta expressa pela área basal (DoA), densidade relativa (DR) , frequência relativa (FR) , dominância relativa (DoR) e índice de valor de importância(IVI). Obteve-se também, o índice de diversidade Shannon (H') e equabilidade de Pielou (J') Brower e Zar, (1984). Construiu-se intervalo de confiança para a densidade e área basal pelo método de diferenças sucessivas e realizou-se distribuição diamétrica para a comunidade (SOARES et al., 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram mensurados 2239 indivíduos, destes, 1456 (65,02 %) tiveram material botânico coletado para identificação taxônômica. Não foi possível identificar no campo e nem coletar material botânico de 783 (34,98%) indivíduos, devido à elevada altura dos mesmos. Até o momento, foram identificadas 65 famílias botânicas, 138 gêneros e 342 espécies arbustivo-arbóreas (Tabela 1). Considerando os indivíduos identificados, as famílias mais ricas, contribuindo com mais de 50% das espécies, foram: Myrtaceae (55 spp.), Fabaceae (30 spp.), Lauraceae (29 spp.), Rubiaceae (21 spp.), Apocynaceae (12 spp.), Melastomataceae (12 spp.), Chrysobalanaceae (9 spp.), Annonaceae (8 spp.), Boraginaceae (8 spp.), Malvaceae (7 spp.) e Clusiaceae (6 spp.). Aquelas com maior número de indivíduos foram: Myrtaceae (136 ind.), Nyctaginaceae (122 ind.), Sapotaceae (103 ind.), Fabaceae (91 ind.), Euphorbiaceae (90 ind.), Lauraceae (81 ind.) e Rubiaceae (74 ind.). Dos 36 % das espécies classificadas em grupos ecológicos 6% são pioneiras, 12% secundárias iniciais, 14 % secundárias tardias e 4 % clímax (Figura 3).

Tabela 1. Lista das famílias identificadas no fragmento de floresta ombrófila na APA do Pratigi, Ibirapitanga-Bahia.

Família	Nº de espécies	Nº de ind.
Myrtaceae	55	136
Fabaceae	30	91
Lauraceae	29	81
Sapotaceae	27	103
Rubiaceae	21	74
Melastomataceae	13	54
Apocynaceae	12	27
Chrysobalanaceae	9	32
Annonaceae	8	18
Boraginaceae	8	30
Malvaceae	7	43
Moraceae	7	62
Clusiaceae	6	34
Euphorbiaceae	6	90
Nyctaginaceae	6	122
Bignoniaceae	5	12
Salicaceae	5	36
Sapindaceae	5	15
Stemonuraceae	5	5
Burseraceae	4	27
Monimiaceae	4	7
Phyllanthaceae	4	12
Symplocaceae	4	8
Dichapetalaceae	3	9
Elaeocarpaceae	3	26
Lecythidaceae	3	11
Meliaceae	3	12
Myristicaceae	3	21
Ochnaceae	3	14
Rutaceae	3	10
Anacardiaceae	2	25
Araliaceae	2	4
Celastraceae	2	7
Combretaceae	2	3
Ebenaceae	2	4
Erythroxylaceae	2	9
Olacaceae	2	10
Peraceae	2	6
Polygonaceae	2	2
Primulaceae	2	6
Siparunaceae	2	11
Urticaceae	2	40
Vochysiaceae	2	16
Arecaceae	1	15
Asteraceae	1	4
Caricaceae	1	7
Caryocaraceae	1	1

Cunoniaceae	1	2
Humiriaceae	1	1
Hypericaceae	1	2
Icacinaceae	1	1
Lacistemataceae	1	8
Linaceae	1	1
Malpighiaceae	1	3
Pentaphylacaceae	1	1
Picramniaceae	1	2
Proteaceae	1	1
Putranjivaceae	1	7
Rhamnaceae	1	4
Rosaceae	1	5
Schoepfiaceae	1	6
Simaroubaceae	1	1
Solanaceae	1	1
Thymelaeaceae	1	2
Violaceae	1	1

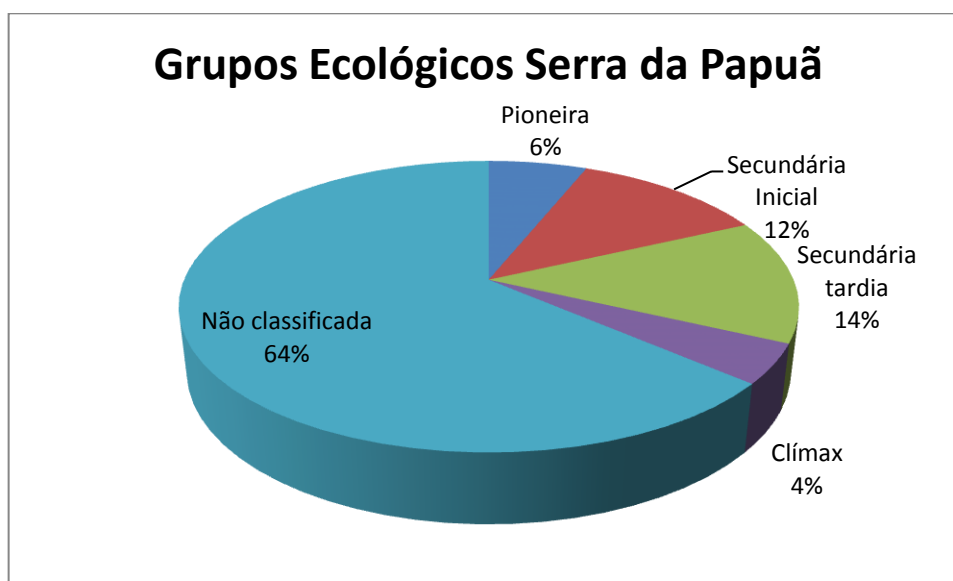


Figura 3. Classificação sucessional das espécies amostradas na Serra da Papuã, no município de Ibirapitanga, Bahia.

Analisando estudos em áreas de floresta ombrófila densa nas mais variadas regiões do Brasil, encontramos as seguintes famílias como mais ricas: Myrtaceae, Lauraceae, Fabaceae, Rubiaceae e Sapotaceae, mostrando assim a similaridade do presente estudo com os trabalhos citados (Campos 2011; Monteiro 1997; Thomas et al 2008; França 2013; Stefani 2013; Gomes et al. 2011; Ramos et al. 2011; Rochelle et al., 2011). Essas famílias são comumente reportadas como as mais ricas em floresta ombrófila densa (Tabarelli &

Mantovani 1999; Oliveira-Filho & Fontes 2000; Moreno et al. 2003; Guilherme et al. 2004; Thomas et al. 2008; 2009) onde Myrtaceae é comumente referida com destaque tanto em regiões Submontanas (Mori et al. 1983; Martini et al. 2007; Thomas et al. 2008) como em altitudes elevadas (Meireles et al. 2008; Thomas et al. 2009).

Os gêneros mais ricos foram *Myrcia* e *Eugenia*, da família Myrtaceae, com 22 espécies e 19 espécies, respectivamente. *Myrcia* e *Eugenia* estão entre os gêneros mais abundantes no levantamento de Monteiro (1997). Mori et al., (1983) verificou que espécies pertencentes a família da Myrtaceae pode estar presente em todos os estratos da floresta, desde o herbáceo até o emergente, mas a maioria apresenta-se de tamanho pequeno a médio. Joly et al., (1991) ao caracterizar as matas da encosta atlântica cita como frequentes no estrato intermediário (15-18 m) os gêneros *Eugenia*, *Psidium*, *Myrciaria*, *Myrcia*, *Calyptanthes*, *Bathysa*, *Alseis*, *Simira*, *Euterpe*, *Attalea*, *Mabea*, *Pera* entre outros. Mori et al. (1983) também destacaram a importância ecológica das Myrtaceae nas Florestas do Leste do Brasil, sendo a família mais dominante em termos do número de espécies, indivíduos e de área basal total.

Considerando que as espécies de início de sucessão (pioneiras 6% + secundárias iniciais 12%= 18%) e as tardias de sucessão (secundária tardia 14% + Clímax 4% = 18%) apresentaram mesma proporção, podemos afirmar que o presente estudo tem uma predominância intermediária, logo um estágio médio de desenvolvimento sucessional. O resultado encontrado corrobora com a resolução Conama nº 5, de 4 de maio de 1994, pois esta determina que a distribuição diamétrica da floresta ombrófila densa na Bahia em estágio médio de regeneração apresente amplitude moderada, com predomínio dos pequenos diâmetros, com DAP médio entre 8 a 18 cm. O DAP médio da área em estudo foi de 12,3 cm e a distribuição diamétrica revela que 83% dos indivíduos apresentam DAP inferior a 18 cm, havendo concentração nas menores classes de diâmetro (Figura 4). Resultado semelhante foi relatado por Kurtz & Araujo (2000) em trecho de Mata Atlântica em Cachoeira de Macacu (RJ), onde a concentração de indivíduos na primeira classe de diâmetro (5 a 20,5) representou 84% do total de indivíduos amostrados. O número elevado de árvores nas menores classes de diâmetro é um indicativo de incremento de indivíduos jovens na comunidade. A distribuição de frequência nas classes diamétricas na área estudada indicou decréscimo no número de indivíduos, no sentido das menores para as maiores classes. Para Harper (1977), este padrão é o esperado para florestas tropicais, principalmente aquelas que sofreram ou sofrem perturbações antrópicas, além de ser característico de comunidade em “J” reverso.

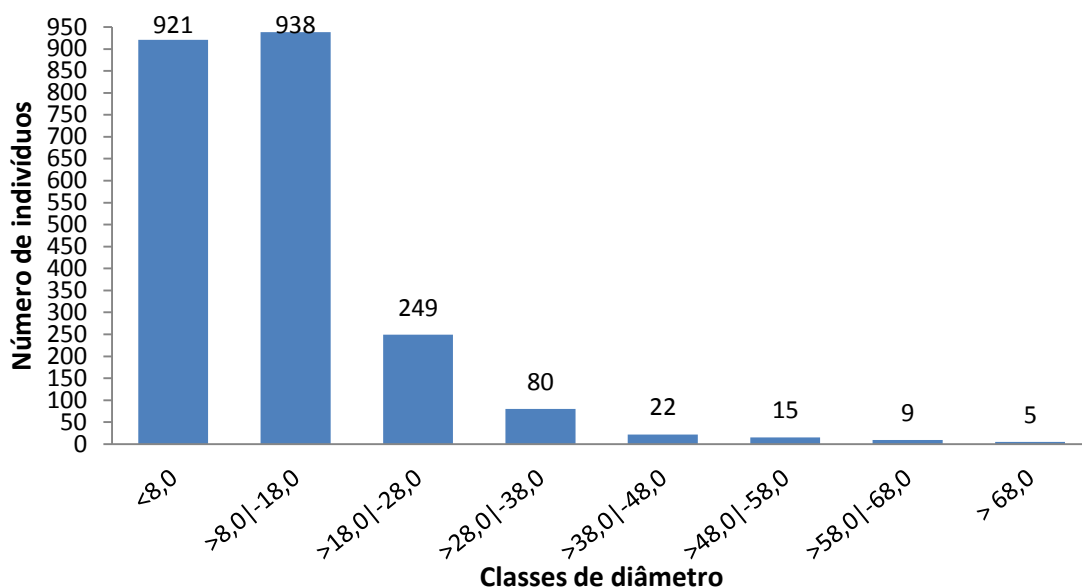


Figura 4. Distribuição em classes de diâmetro dos indivíduos amostrados na Área de Proteção Ambiental do Pratigi (BA)

Destacaram-se na análise estrutural, com maiores densidades relativas (DR) e dominâncias relativas (DoR), as espécies: *Guapira laxiflora* (DR =3,93; DoR = 1,84), *Alchornea iricurana* (DR =2,32; DoR = 0,80) e *Pourouma guianensis* (DR=1,61; DoR= 0,62) (Anexo I).

Guapira laxiflora (7,51% IVI) é a espécie de maior importância, porém não apresentou destaque em nenhum dos trabalhos consultados, aparecendo em Thomas et al. (2008) entre os sete menores IVI (0,1%) com apenas um indivíduo e em Thomas et al (2009) com IVI (1,2%) com apenas oito indivíduos. Segundo resolução 417/2009 do CONAMA ela se classifica como espécie de estágio médio de regeneração para área de transição de restinga no estado da Bahia. *Alchornea glandulosa* (4,55% IVI) segundo maior IVI esteve em destaque entre os oito maiores IVI para uma floresta montana em São Paulo (Gomes et al., 2005) e é classificada como secundária inicial. *Pourouma guianensis* (IVI 3,56%) é a terceira espécie de maior importância com 36 indivíduos, é uma espécie pioneira muito encontrada em áreas antropizadas, seu valor de importância foi elevada por sua alta abundância e boa distribuição com indivíduos finos, sendo o DAP médio de 9,1 cm. *Heliscostylis tomentosa* (IVI 3,4%) espécie clímax, se destaca como a mais abundante no Sul da Bahia na área mais

conservada da Serra do Conduru (MARTINI et al, 2007), e também fica entre os dez maiores IVI encontrado por Junior et al., (2007), quando caracterizou uma área em estágio inicial de sucessão no Pernambuco e entre os cinco maiores IVI em uma área submontana no Rio de Janeiro estudada por Carvalho et al., (2007) em estágio secundário de regeneração. *Eriotheca macrophyla* a quinta espécie de valor de importância (IVI 2,61%) é classificada como secundária inicial e está presente nos três tipos de áreas avaliadas por Martini et al., (2007) na Bahia sendo desde a área mais conservada até a com maior histórico de antropização, foi a espécie de maior IVI (14,91%) em ambos os diâmetros de inclusão (5 cm e 10 cm) utilizados na área de estudo em Serra Grande no sul Bahia por Thomas et al., (2008), o que demonstra o quanto essa espécie tem de importância para a presente área e para a Mata Atlântica da região sul da Bahia

Tabela 2: Valores estimados de área basal ($\text{m}^2 \text{ha}^{-1}$) e número de indivíduos (ind. ha^{-1}) para fragmento de Floresta Ombrófila Densa localizado na Área de Proteção Ambiental do do Pratigi (BA).

Parâmetros	Área basal ($\text{m}^2 \text{ha}^{-1}$)	Números de indivíduos (ind. ha^{-1})
Média	50,67	2248
%Erro	10,53	5,93
Limite inferior	45,33	2115
Limite superior	56,01	2381

A área basal média encontrada é $50,67 \text{ m}^2 \text{ha}^{-1}$ (Tabela 2), ficando acima da média de área basal para a Mata Atlântica segundo os trabalhos revisados (Tabela 3). Comparando a outros levantamentos em áreas de Mata Atlântica de tipologia semelhante a este trabalho, observa-se que a área basal média ($\text{m}^2 \text{ha}^{-1}$) do fragmento em estudo foi superior a maioria dos levantamentos consultados, assim como também para densidade (ind. ha^{-1}). O valor de densidade encontrado foi próximo ao de Thomas et al. (2008), Stefani (2013) e Rocha & Amorim (2012), assim a confirmar o estágio médio de regeneração que se encontra a presente área de estudo. Comparando somente aos trabalhos realizados na Bahia a área basal foi superior a média de $49,2 \text{ m}^2 \text{ha}^{-1}$ (Thomas et al, 2008; Thomas et al. 2009; Rocha & Amorim, 2012).

Tabela 3: Área basal e densidades referentes a estudos realizados em fragmentos de Mata Atlântica.

Local	DAP inclusão	Densidade (ind. ha ⁻¹)	Área basal (m ² ha ⁻¹)	Autor
Serra da Papuã (BA)	>= 5cm	2248	50,67	Presente estudo
Camacã- Serra Bonita (BA)	>= 5	3208	59,78	Rocha & Amorim (2012)
Uruçuca - Serra Grande (BA)	> 5 cm	2530	45,6	Thomas et al. (2008)
Jussari – Serra do Teimoso (BA)	> 5 cm	1400	42,2	Thomas et al. (2009)
Matas do Curado (PE)	> 5 cm	1715	34,2	Colonetti et al. (2009)
São Vicente Férrer (PE)	>5 cm	-	34,2	Klauberger et al. (2010)
Estação Ecológica do Mucuri (AL)	>= 5 cm	1062	-	Junior (2007)
Cachoeira do Itapermirim (ES)	>=5	1823	33,02	Archanjo et al (2011)
Matão (MG)	>= 5 cm	1521	44,17	Ferraz & Rodal (2006)
Cachoeiras de Macacu (RJ)	>4,8 cm	-	35,1 a 41,6	Mendonça (2005)
Tinguá (RJ)	> 5 cm	1369,9	57,3	Kurtz & Araujo (2000)
Silva Jardim (RJ)	> 5 cm	1385	22,1	Sobrinho et al. (2010)
Campos Goytacazes (RJ)	>= 10 cm	940	41,9	Moreno et al. (2003)
Serra do Mar (SP)	>4,8 cm	1264	34	Joly et al. (2012)
Caraguatatuba (SP)	> 5 cm	1881	67	Floss (2011)
Ubatuba (SP)	>= 5 cm	2001	48,12	França & Stehmann, (2004)
Ubatuba (SP)	>= 4,8 cm	2269	48,4	Stefani, (2013)
Siderópolis (SC)	>= 4,8	1881	-	Rochelle et al. (2011)
Parque Natural Planalto Catarinense	>= 4,8	1274	30,27	Campos et al. (2011)
Santa Catarina	>3,18 cm	1608	33,3	Borém & Oliveira-Filho (2002)

A diversidade de espécie de acordo com o índice de Shannon Wiener (H') foi de 4,05, valor este inferior à média para a Mata Atlântica analisada ($H'=4,31$), mas próximos ao de Guedes-Bruni et al. (1997) e Valente et. Al. (2011) que são áreas em bom estado de conservação. Thomas et al., (2008) em área relativamente próxima encontrou o maior índice de diversidade ($H'=5,61$) para região de Mata Atlântica do Nordeste. (Tabela 4).

A equabilidade (J) apresentou valor de 0,695, o que demonstra uma média heterogeneidade florística, Ivanauskas et al. (2000) relata que quando temos baixa equabilidade significa que existem muitas populações contribuindo desigualmente para o índice de diversidade, no presente estudo foi uma população que contribuiu, os indivíduos não identificados fizeram com que nossa equabilidade fosse menor, pois estes na análise aparecem como um indivíduo somente.

Tabela 4. Tabela comparativa de estudos realizados. DI: Diâmetro de inclusão das espécies, H' Índice de diversidade de Shannon.

Local	Autor	Método	DI(cm)	H'
Serra da Papuã (BA)	Presente trabalho	Parcelas	5	4,1
Serra Bonita (BA)	Rocha & Amorim, 2012	Parcelas	2,5	5,3
Serra do Teimoso (BA)	Thomas et al., 2009	Parcelas	5	4,8
Serra Grande (BA)	Thomas et al., 2008	Parcelas	5	5,6
Silva Jardim (RJ)	Guedes-Bruni et al., 2006	Parcelas	5	4,2
Macaé de Cima (RJ)	Guedes-Bruni et al., 1997	Parcelas	5	4,1
Nova Iguaçu (RJ)	Rodrigues, 1996	Parcelas	5	4,4
Tingüá (RJ)	Sobrinho et al., 2010	Parcelas	5	3,4
Macaé (RJ)	Cruz et al., 2013	Parcelas	5	4
Rio Bonito (RJ)	Carvalho et al., 2007	Parcelas	5	3,9
Cachoeiras de Macacú(RJ)	Kurtz & Araújo, 2000	Ponto Qua	5	4,2

Serra Negra (MG)	Valente et al., 2011	Parcelas	3	4,1
Matão (MG)	França & Stehmann, 2004	Parcelas	5	2,9
Santa Teresa (ES)	Thomaz & Monteiro, 1997	Parcelas	6,36	5,5
Cachoeira do Itap. (ES)	Archanjo et al., 2011	Parcelas	5	4,1
Serra do Mar (SP)	Stefani, 2013	Parcelas	5	4,5

CONCLUSÕES

Myrtaceae, Fabaceae, Lauraceae, Rubiaceae e Apocynaceae apresentaram as maiores riquezas específicas, seguindo o padrão para estudos florísticos e/ou fitossociológicos para diferentes regiões do país para Mata Atlântica.

O fragmento de Mata atlântica inventariado se encontra no estágio médio de regeneração, caracterizado pela grande concentração de indivíduos finos nas menores classes de diâmetro e um alto valor de área basal devido a grande densidade de plantas amostradas, assim como também como a mesma proporção na classificação sucessional.

A alta diversidade encontrada e a espécie nova da família Theaceae encontrada evidenciam a importância de conservação da presente área de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, A. P.; CHIARELLO, A. G.; MENDES, S. L.; MATOS, E. N. **Os Corredores Central e da Serra do Mar na Mata Atlântica brasileira. In: Carlos Galindo-Leal; Ibsen de Gusmão Câmara. (Org.). Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas.** Belo Horizonte e São Paulo: Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. 2005, v., p. 03-11.
- ALVARES, Clayton Alcarde et al. Köppen's climate classification map for Brazil. **Meteorologische Zeitschrift**, v. 22, n. 6, p. 711-728, 2014.
- ALVES, HSR. **Identificação de bioindicadores e planejamento de mini-corredores ecológicos na área de proteção ambiental costa de Itacaré/Serra Grande, Bahia. 2007, 113 f.** 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente)-UESC, Ilhéus, Bahia.
- AMORIM, André Márcio et al. Angiosperms of montane forest areas in southern Bahia, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 9, n. 3, p. 313-348, 2009.
- BREMER, Birgitta et al. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, 2009.
- ARAÚJO, M. et al. A mata atlântica do sul da Bahia. Situação atual, ações e perspectivas. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. **Unesco-programa Mab-o homem ea biosfera. série**, v. 5, p. 406-431, 1998.
- AYRES, José Márcio et al. **Os corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil.** Sociedade Civil Mamirauá, 2005.
- BORÉM, Rosângela Alves Tristão; OLIVEIRA-FILHO, AT de. Fitossociologia do estrato arbóreo em uma topossequência alterada de mata atlântica, no município de Silva Jardim-RJ, Brasil. **Revista Árvore**, v. 26, n. 6, p. 727-742, 2002.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **O corredor central da mata atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade.** Ministério do Meio Ambiente, Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. Brasília-DF : Ministério do Meio Ambiente ; Conservação Internacional, 2006.

BROWER, J. E.; ZAR, J. H. Community similarity. BROWER, JE; ZAR, JH **Field & Laboratory for General Ecology**. Dubuque: Win C. Brown Publishers, p. 161-164, 1984.

CÂMARA, I. G. **Breve história da conservação da Mata Atlântica**. In: Carlos Galindo-Leal; bsen de Gusmão Câmara. (Org.). **Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas**. Belo Horizonte e São Paulo: Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. 2005, v., p. 03-11.

CAMPOS, M. C. R. D., TAMASHIRO, J. Y., ASSIS, M. A., & JOLY, C. A. **Florística e fitossociologia do componente arbóreo da transição Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas-Floresta Ombrófila Densa Submontana do Núcleo Picinguaba/PESM, Ubatuba, sudeste do Brasil**. *Biota Neotropica*, 11(2), 302-312, 2011.

CARVALHO, F.A.; NASCIMENTO, M.T. & BRAGA, J.M.A. **Estrutura e composição florística do estrato arbóreo de um remanescente de Mata Atlântica submontana no município de Rio Bonito, RJ, Brasil (Mata Rio Vermelho)**. *Revista Árvore* 31: 717-730, 2007.

CHAVES, A. D. C. G., SANTOS, R. M. D. S., SANTOS, J. O. D., FERNANDES, A. D. A., & MARACAJÁ, P. B. **A importância dos levantamentos florístico e fitossociológico para a conservação e preservação das florestas**. *Agropecuária científica no semi-árido*, 9(2), 43-48, 2013.

COLONETTI, S.; CITADINI-ZANETTE, V.; MARTINS, R.; SANTOS, R. ROCHA, E.; JARENKOW, J. A. **Florística e estrutura fitossociológica em Floresta Ombrófila Densa Submontana na barragem do rio São Bento, Siderópolis, Estado de Santa Catarina**. *Revista Acta Scientiarum*. Maringá, v. 31, n. 4, p. 397-405, 2009.

CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL. 2004. Avaliação e ações prioritárias para conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos. Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente. Brasília.

FERRAZ, E. M. N., & RODAL, M. J. N. **Caracterização fisionômica-estrutural de um remanescente de floresta ombrófila montana de Pernambuco, Brasil**. *Acta Botanica Brasilica*, 20(4), 911-926, 2006.

FLOSS, P. A. **Aspectos ecológicos e fitossociológicos no entorno de nascentes em formações florestais do oeste de Santa Catarina**. Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Maria. 154p., 2011. (Tese de doutorado).

FRANÇA, G. S., & STEHMANN, J. R. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma floresta altimontana no município de Camanducaia, Minas Gerais, Brasil.** Revista Brasileira de Botânica, 27(1), 19-30, 2004.

FRANÇA, G. S.. **Florística e estrutura do componente arbóreo de remanescentes de Mata Atlântica do médio rio Doce, Minas Gerais, Brasil.** Rodriguésia-Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 64(3), 607-624, 2013.

GENTRY, ALWYN H. Tropical forest biodiversity: distributional patterns and their conservational significance. **Oikos**, p. 19-28, 1992.

GIULIETTI, A. M.; PIRANI, J. R. HARLEY, RM, QUEIROZ, LP DE, WANDERLEY, M. DAS GL & VAN DEN BERG, C.. **Biodiversity and conservation of plants in Brazil.** Conserv. Biol, v. 19, p. 632-639, 2005.

GOMES, E. P. C.; FISCH, S. T. V.; MANTOVANI, W. **Estrutura e composição do componente arbóreo na Reserva Ecológica do Trabiju, Pindamonhangaba, SP, Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v. 19, n. 3, p. 451-464, 2005.

GOMES, J. A. M. A., BERNACCI, L. C., JOLY, C. A. **Diferenças florísticas e estruturais entre duas cotas altitudinais da Floresta Ombrófila Densa Submontana Atlântica, do Parque Estadual da Serra do Mar, município de Ubatuba/SP, Brasil.** Biota Neotrop. 11(2): 123-137, 2011.

GUEDES-BRUNI, R. R.; PESSOA, S. V. A.; KURTZ, B. C. **Florística e estrutura do componente arbustivo-arbóreo de um trecho preservado de floresta Montana na Reserva Ecológica de Macaé de Cima.** In: LIMA, H. C. de; GUEDES- BRUNI, R. R. (Eds.). Serra de Macaé de Cima: Diversidade florística e conservação em Mata Atlântica. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1997. p. 127-145.

GUEDES-BRUNI, R. R.; SILVA-NETO, S. J.; MORIM, M. P.; MANTOVANI, W. **Composição florística e estrutura de dossel em trecho de Floresta Ombrófila Densa atlântica sobre morrote mamelonar na Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, RJ.** Rodriguesia, Rio de Janeiro, v. 57, p. 429-442, 2006.

HARPER, John L. et al. Population biology of plants. **Population biology of plants.**, 1977

IBGE - **Manual Técnico da Vegetação Brasileira** –. 2ºed. Rio de Janeiro, 2012

INEMA (Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos). 2004. **Plano de Manejo da APA do Pratigi, Síntese do Plano de Manejo.** Itúbera: INEMA, 45p.

IPEMA (Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica). 2005. **Conservação da Mata Atlântica no Espírito Santo: cobertura florestal e unidades de conservação**. Vitória: IPEMA, Conservação Internacional. 142p.

IVANAUSKAS, NATÁLIA MACEDO; RODRIGUES, Ricardo Ribeiro. Florística e fitossociologia de remanescentes de floresta estacional decidual em Piracicaba, São Paulo, Brasil. **Revista brasileira de Botânica**, v. 23, n. 3, p. 291-304, 2000.

JOLY, C. A.; ASSIS, M. A.; BERNACCI, L. C.; TAMASHIRO, J. Y; CAMPOS, M. C. R.; GOMES, J. A. M. A.; et al. **Florística e fitossociologia em parcelas permanentes da Mata Atlântica do sudeste do Brasil ao longo de um gradiente altitudinal**. Revista Biota Neotropica, vol. 12, n. 1, 2012.

JUNIOR, F. T. A., LINS, C. F., BRANDÃO, S., DA ROCHA, K. D., DA SILVA, J. T., MARANGON, L. C., & FERREIRA, R. L. C. **Estrutura diamétrica e hipsométrica do componente arbóreo de um fragmento de Mata Atlântica, Recife-PE**. Cerne, Lavras, 13(1), 83-95, 2007.

KLAUBERG, C.; PALUDO, G. F.; BORTOLUZZI, R. L. C.; MANTOVANI, A. **Florística e estrutura de um fragmento de Floresta Ombrófila Mista no Planalto Catarinense**. Revista Biotemas, 23 (1): 35-47, março de 2010.

KURTZ, B. C.; ARAÚJO, D. S. D. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo de um trecho de Mata Atlântica na Estação Ecológica Estadual do Paraíso, Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro, Brasil**. Revista Rodriguésia 51(78/115): 69-112. 2000.

LIEBSCH, DIETER; MARQUES, MARCIA; GOLDENBERG, RENATO. How long does the Atlantic Rain Forest take to recover after a disturbance? Changes in species composition and ecological features during secondary succession. **Biological Conservation**, v. 141, n. 6, p. 1717-1725, 2008.

LOBÃO, DAN ÉRICO VIEIRA PETIT. **Agroecossistema cacauero da Bahia: cacau-cabruca e fragmentos florestais na conservação de espécies arbóreas**. 2007. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA.

MARTINI, A. M. Z.; FIASCHI, P.; AMORIM, A. M. & PAIXÃO, J. L. **A hot-point within a hot-spot: a high diversity site in Brazil's Atlantic Forest**. Biodiversity and Conservation. 16:3111–3128, 2007.

- MENDONÇA, N. T. **Florística e fitossociologia em fragmento de Mata Atlântica - Serra da Bananeira, Estação Ecológica de Murici, Alagoas**. Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2005. (Dissertação de mestrado).
- MITTERMEIER, R. A., GIL, P. R., HOFFMANN, M., PILGRIM, J., BROOKS, T., MITTERMEIER, C. G., & DA FONSECA, G. A. B.. **Hotspots revisited**. CEMEX, SA CV. 2004.
- MITTERMEIER, R. A.; FONSECA, G. A. B.; RYLANDS, A. B. & BRANDON, K. **Um breve história da conservação da biodiversidade no Brasil**. Megadiversidade. 2005 Vol. 1
- MYERS, N., MITTERMEIER, R.A., MITTERMEIER, C.G., FONSECA, G.A.B. & KENT, J.. **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. Nature 403:853-858, 2000.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). 2002. Projeto Corredores Ecológicos. Programa-Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil – PPG7. Brasília. 137p.
- MONTEIRO, Reinoldo. **Composição florística da mata atlântica de encosta da Estação Biológica de Santa Lúcia, município de Santa Teresa-ES**. Ministerio da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu, 1997.
- MORI, S.A.; BOOM, B.M.; CARVALHO, A.M. & SANTOS, T.S.. **Southern bahian moist forests**. Botanical Review 49 (2):155-232, 1983
- MORI, S.A., MATTOS-SILVA, L.A., LISBOA, G. & CORADIN, L.. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2nded. CEPLAC, Ilhéus, 1989.
- MORELLATO, L. PATRICIA C.; HADDAD, CÉLIO FB. **Introduction: The Brazilian Atlantic Forest**. Biotropica, v. 32, n. 4b, p. 786-792, 2000.
- MORENO, Marcel R.; NASCIMENTO, Marcelo T.; KURTZ, Bruno C. **Estrutura e composição florística do estrato arbóreo em duas zonas altitudinais na Mata Atlântica de encosta da região do Imbé, RJ**. Acta Botanica Brasilica, v. 17, n. 3, p. 371-386, 2003.
- MUELLER DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: Wiley and Sons, 1974.
- NEVES, A. C. M.; **Determinantes do desmatamento na Mata Atlântica: Uma análise econômica**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

- PARDINI, R. 2004. **Effects of forest fragmentation on small mammals in an Atlantic Forest landscape**. *Biodiversity and Conservation* 13 : 2567-2586.
- PRADO P. I.; LANDAU E. C.; MOURA R. T.; PINTO L. P. S.; FONSECA G. A. B.; ALGER, K. (Orgs.). 2003. **Corredor de biodiversidade na Mata Atlântica do Sul da Bahia**. CD-ROM II. Ilhéus: IESB/CI/CABS/UFMG/UNICAMP.
- RAMOS, E., TORRES, R. B., VEIGA, R. F. D. A., & JOLY, C. A. **Estudo do componente arbóreo de dois trechos da Floresta Ombrófila Densa Submontana em Ubatuba (SP)**. *Biota Neotropica*. 11(2): 313-335, 2011.
- RIBEIRO, M. C., METZGER, J. P., MARTENSEN, A. C., PONZONI, F. J., & HIROTA, M. M. **The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation**. *Biological conservation*, 142(6), 1141-1153, 2009.
- ROCHELLE, ANDRÉ LUIS CASARIN; CIELO-FILHO, ROQUE AND MARTINS, FERNANDO ROBERTO. **Florística e estrutura de um trecho de Floresta Ombrófila Densa Atlântica Submontana no Parque Estadual da Serra do Mar, em Ubatuba/SP, Brasil**. *Biota Neotrop.* [online]. 2011, vol.11, n.2, pp. 337-346. ISSN 1676-0603.
- ROCHA, Diogo Souza Bezerra; AMORIM, André M. Heterogeneidade altitudinal na Floresta Atlântica setentrional: um estudo de caso no sul da Bahia, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v. 26, n. 2, p. 309-327, 2012.
- RODRIGUES, H. C. **Composição florística e fitossociológica de um trecho de Mata Atlântica na Reserva Biológica do Tinguá, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro**. 77 p. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- RODRIGUES, R. R.; GANDOLFI, S. **Restauração de florestas tropicais: subsídios para uma definição metodológica e indicadores de avaliação de monitoramento**. In: DIAS, L. E.; MELLO, J. W. V. de. (eds.). *Recuperação de áreas degradadas*. Viçosa: UFV, 1998. p. 203-215.
- SAMBUICHI, Regina Helena Rosa. Estrutura e dinâmica do componente arbóreo em área de cabruca na região cacauzeira do sul da Bahia, Brasil. **Acta Bot Bras**, v. 20, p. 943-954, 2006.
- SANTANA, S. O.; SANTOS R. D.; GOMES I. A.; JESUS, R. M.; ARAUJO, Q.R.; MENDONÇA J. R.; CALDERANO, S.B.; FARIAFILHO, A.F. **Solos da Região Sudeste da Bahia - atualização da legenda de acordo com o sistema brasileiro de classificação de solos**. Ilhéus: CEPLAC, 2002. 93 p. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 16).

- SCOLFORO, J.R.S.; MELLO, J.M. **Inventário florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1997. 341p.
- SHEPHERD, G.J. 2010. **FITOPAC 2.1.2.85**. Departamento de Botânica, UNICAMP.
- SNUC – **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. Brasília. 2002.
- SOARES, C. P. B; NETO, F. P; SOUZA, A. L. **Dendrometria e Inventário Florestal**, Viçosa, MG, ed. UFV, 2011, 272p.
- SOBRINHO, F. A. P. et al. **Fitossociologia do componente arbóreo num remanescente de Floresta Ombrófila Densa Submontana limítrofe à Reserva Biológica do Tinguá, Rio de Janeiro**, Revista Floresta, Curitiba, PR, v. 40, n. 1, p. 111-124, jan./mar. 2010.
- SOS MATA ATLÂNTICA & INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica 2012-2013**, Relatório Técnico, São Paulo, SP, 2014.
- STEFANI, E. J. F.. **Estrutura, composição florística e similaridade em áreas de floresta ombrófila densa submontana e montana do Parque Estadual da Serra do Mar, Litoral Norte/SP**. Dissertação de mestrado em Biologia Vegetal. Campinas-SP, 2013.
- THOMAS, W.W., CARVALHO, A.M.V., AMORIM, A.M., GARRISON, J. & ARBELÁEZ, A.L.. **Plant endemism in two forests in southern Bahia, Brazil**. Biodiversity and Conservation 7:311-322, 1998
- THOMAS, W.W., CARVALHO, A.M.V., AMORIM, A.M., GARRISON, J. & SANTOS, T.S.. **Diversity of woody plants in the Atlantic coastal forest of southern Bahia, Brazil**. In **The Atlantic Coastal Forests of Northeastern Brazil** (W.W. Thomas, ed.). Memoirs of the New York Botanical Garden 100:21-66, 2008.
- THOMAS, W. W., JARDIM, J. G., FIASCHI, P. E. D. R. O., MARIANO-NETO, E., & AMORIM, A. M. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma área transicional de Floresta Atlântica no sul da Bahia, Brasil**. Revista Brasileira de Botânica, 32(1), 65-78, 2009.
- VALENTE, A. S. M., GARCIA, P. O., SALIMENA, F. R. G., & DE OLIVEIRA-FILHO, A. T.. **Composição, estrutura e similaridade florística da Floresta Atlântica, na Serra Negra, Rio Preto–MG**. Rodriguésia-Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 62(2), 2011.
- YOUNG, C. E. F., **Causas Sócio-Econômicas do Desflorestamento em Áreas de Mata Atlântica** In: Carlos Galindo-Leal; bsen de Gusmão Câmara. (Org.). **Mata Atlântica: biodiversidade,**

ameaças e perspectivas. Belo Horizonte e São Paulo: Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. v., p. 103-118, 2005.

ANEXO I

Tabela 2– Lista das espécies e análise da estrutura horizontal da área de estudo, DA = Densidade Absoluta (ind. ha⁻¹) DR= Densidade Relativa (%), DoA= Dominância Absoluta (m².ha⁻¹), DoR= Dominância Relativa (%), FA= Frequência Absoluta, FR= Frequência Relativa ,IVI= Índice de Valor de Importância (%) e IVC= Índice de Valor de Cobertura (%), GE= Grupos ecológicos, NC = Não classificada, Pi= Pioneira, Si= Secundária inicial, St= Secundária tardia, Cx= Clímax.

Espécies	Nome Popular	Ni	DA	DR	FA	FR	DoA	DoR	IVI	GE
Guapira laxiflora (Choisy) Lundell	Farinha-seca	88	88	3,93	85	1,74	0,08	1,84	7,51	NC
Alchornea glandulosa subsp. iricurana (Casar.) Secco	Lava-pratos	52	52	2,32	70	1,43	0,03	0,8	4,55	Si
Pourouma guianensis Aubl.	Tararanga	36	36	1,61	65	1,33	0,03	0,62	3,56	Pi
Helicostylis tomentosa (Poepp. & Endl.) Rusby	Amora-preta	34	34	1,52	60	1,23	0,03	0,66	3,4	Cx
Eriotheca macrophylla (K.Schum.) A.Robyns	Imbiruçu	23	23	1,03	50	1,02	0,02	0,56	2,6	Si
Miconia compressa Naudin	-	18	18	0,8	35	0,72	0,01	0,26	1,78	NC
Ecclinusa ramiflora Mart.	-	17	17	0,76	60	1,23	0,01	0,32	2,31	St
Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.	Gindiba-preta	17	17	0,76	50	1,02	0,01	0,23	2,01	Cx
Guapira opposita (Vell.) Reitz	Farinha-seca	16	16	0,71	45	0,92	0,02	0,48	2,11	Si
Vochysia acuminata Bong.	-	15	15	0,67	25	0,51	0,01	0,31	1,5	NC
Tovomita brevistaminea Engl.	-	15	15	0,67	35	0,72	0,01	0,13	1,52	NC
Euterpe edulis Mart.	Juçara	15	15	0,67	35	0,72	0,01	0,2	1,58	Cx
Macrolobium latifolium Vogel	Óleo-comumbá	14	14	0,63	45	0,92	0,02	0,55	2,09	NC
Senefeldera verticillata (Vell.) Croizat	-	14	14	0,63	25	0,51	0,02	0,47	1,61	St
Virola officinalis Warb.	Bicuiba-branca	14	14	0,63	45	0,92	0,01	0,26	1,8	NC
Mabea piriri Aubl.	Leiteira	13	13	0,58	40	0,82	0,01	0,31	1,71	Pi
Miconia hypoleuca (Benth.) Triana	Mundururu-chumbo	13	13	0,58	50	1,02	0,01	0,17	1,78	Pi
Thyrsodium spruceanum Benth.	Manga-brava	13	13	0,58	45	0,92	0,01	0,16	1,66	Pi
Casearia arborea (Rich.) Urb.	Aderninho-de-capoeira	12	12	0,54	35	0,72	0,01	0,14	1,39	Si
Casearia commersoniana Cambess.	-	12	12	0,54	25	0,51	0,01	0,14	1,19	St
Tapirira guianensis Aubl.	Pau-pombo	12	12	0,54	45	0,92	0,02	0,37	1,83	Si
Diploon cuspidatum (Hoehne) Cronquist	Bacumixá	12	12	0,54	40	0,82	0,02	0,43	1,79	St
Sorocea hilarii Gaudich.	Amora-branca	12	12	0,54	25	0,51	0,01	0,15	1,2	St

<i>Cordia trichoclada</i> DC.	-	11	11	0,49	35	0,72	0,01	0,16	1,37	Si
<i>Licania micrantha</i> Miq.	-	11	11	0,49	40	0,82	0,01	0,26	1,57	NC
<i>Protium warmingianum</i> Marchand	-	11	11	0,49	45	0,92	0,01	0,17	1,58	St
<i>Ouratea</i> sp	-	11	11	0,49	25	0,51	0,01	0,19	1,2	NC
<i>Aniba intermedia</i> (Meisn.) Mez	Louro	10	10	0,45	40	0,82	0,01	0,12	1,39	NC
<i>Alseis floribunda</i> Schott	Guabiraba-preta	10	10	0,45	20	0,41	0,02	0,41	1,26	Si
<i>Ferdinandusa edmundoi</i> Sucre	-	10	10	0,45	10	0,2	0	0,11	0,76	NC
<i>Micropholis guyanensis</i> (A.DC.) Pierre	-	10	10	0,45	25	0,51	0,01	0,19	1,15	NC
<i>Eugenia itapemirimensis</i> Cambess.	-	10	10	0,45	25	0,51	0,01	0,16	1,12	NC
<i>Casearia bahiensis</i> Sleumer	-	9	9	0,4	35	0,72	0,01	0,13	1,25	NC
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	9	9	0,4	40	0,82	0,01	0,17	1,39	Si
<i>Pouteria</i> cf. <i>butyrocarpa</i> (Kuhlm.) T.D.Penn.	-	9	9	0,4	30	0,61	0,01	0,19	1,2	NC
<i>Protium icicariba</i> (DC.) Marchand	-	9	9	0,4	40	0,82	0	0,07	1,29	NC
<i>Tovomita choisyana</i> Planch. & Triana	-	9	9	0,4	15	0,31	0,01	0,24	0,95	NC
<i>Eriotheca globosa</i> (Aubl.) A.Robyns	Imbiruçu-roxo	8	8	0,36	40	0,82	0,02	0,36	1,53	Pi
<i>Lacistema robustum</i> Schnizl.	-	8	8	0,36	35	0,72	0,02	0,54	1,61	NC
<i>Arapatiella psilophylla</i> (Harms) R.S.Cowan	Arapati	8	8	0,36	20	0,41	0,01	0,33	1,1	Cx
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers	Biriba	8	8	0,36	35	0,72	0,03	0,81	1,89	Si
<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L.O.Williams	-	8	8	0,36	20	0,41	0,01	0,15	0,91	NC
<i>Sloanea garckeana</i> K.Schum.	-	8	8	0,36	25	0,51	0,01	0,23	1,1	St
<i>Discocarpus pedicellatus</i> Fiaschi & Cordeiro	-	8	8	0,36	20	0,41	0,01	0,25	1,02	NC
<i>Myrcia racemosa</i> (O.Berg) Kiaersk.	-	8	8	0,36	35	0,72	0	0,08	1,15	NC
<i>Inga heterophylla</i> Wild.	-	8	8	0,36	25	0,51	0,01	0,14	1,01	NC
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina-do-Brasil	8	8	0,36	5	0,1	0	0,09	0,55	Si
<i>Jacaratia heptaphylla</i> (Vell.) A.DC.	Mamão-de-veado-preto	7	7	0,31	20	0,41	0	0,08	0,81	St
<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	Oiticica	7	7	0,31	25	0,51	0,01	0,15	0,97	Si
<i>Drypetes sessiliflora</i> Allemão	-	7	7	0,31	25	0,51	0	0,1	0,92	NC
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	-	7	7	0,31	30	0,61	0	0,08	1	St
<i>Eugenia schottiana</i> O.Berg	-	7	7	0,31	25	0,51	0	0,08	0,91	NC
<i>Ocotea percoriacea</i> Kosterm.	-	7	7	0,31	20	0,41	0	0,08	0,8	NC
<i>Ophthalmoblapton penduculare</i> Mull.Arg.	-	7	7	0,31	30	0,61	0	0,12	1,05	NC
<i>Licaria bahiana</i> Kurz	Louro	7	7	0,31	35	0,72	0,01	0,13	1,15	NC

<i>Galipea laxiflora</i> Engl.	-	6	6	0,27	15	0,31	0,01	0,26	0,83	St
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	-	6	6	0,27	10	0,2	0	0,1	0,58	NC
<i>Garcinia Gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	-	6	6	0,27	15	0,31	0	0,09	0,66	Cx
<i>Erythroxylum citrifolium</i> A.St.-Hil.	-	6	6	0,27	30	0,61	0,01	0,14	1,02	Pi
<i>Schoepfia brasiliensis</i> A.DC.	-	6	6	0,27	20	0,41	0,01	0,18	0,86	St
<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex spring.) Warb	-	6	6	0,27	15	0,31	0,02	0,38	0,95	St
<i>Guarea blanchetii</i> C.DC.	-	6	6	0,27	20	0,41	0	0,06	0,74	NC
<i>Simira glaziovii</i> (K.Schum.) Steyerm	Arariba-rosa	6	6	0,27	30	0,61	0,01	0,17	1,05	Pi
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abio-branco	6	6	0,27	20	0,41	0,01	0,13	0,81	St
<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	-	6	6	0,27	20	0,41	0	0,09	0,76	NC
<i>Discocarpus amazonicus</i>	-	6	6	0,27	15	0,31	0	0,05	0,62	NC
<i>Heisteria perianthomega</i> (Vell.) Sleumer	-	5	5	0,22	25	0,51	0	0,07	0,8	NC
<i>Ocotea cernua</i> (Nees) Mez	-	5	5	0,22	20	0,41	0	0,05	0,69	NC
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	-	5	5	0,22	20	0,41	0,01	0,17	0,8	Si
<i>Marlierea cf. affinis</i> (O. Berg) D.Legrand	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,05	0,58	NC
<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	-	5	5	0,22	20	0,41	0	0,06	0,69	NC
<i>Guapira aff. laxa</i> (Netto) Furlan	-	5	5	0,22	25	0,51	0	0,1	0,84	NC
<i>Marlierea cf. racemosa</i> (Vell.) Kiaersk.	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,08	0,61	Pi
<i>Brosimum glaziovii</i> Taub.	-	5	5	0,22	10	0,2	0	0,07	0,5	Si
<i>Copaifera lucens</i> Dwyer	Copaíba	5	5	0,22	20	0,41	0	0,09	0,72	St
<i>Micropholis emarginata</i> T.D.Penn.	-	5	5	0,22	25	0,51	0	0,06	0,79	NC
<i>Eugenia excelsa</i> O.Berg	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,12	0,65	St
<i>Discophora guianensis</i> Miers	-	5	5	0,22	20	0,41	0	0,04	0,67	NC
<i>Tetrastylidium grandifolium</i> (Baill.) Sleumer	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,08	0,61	NC
<i>Cordia bahiensis</i> C.Perss. & Delprete.	-	5	5	0,22	20	0,41	0	0,07	0,7	NC
<i>Couepia belemii</i> Prance	Oiti-boi	5	5	0,22	20	0,41	0,01	0,16	0,79	NC
<i>Sterculia curiosa</i> (Vell.) Taroda	Samuma	5	5	0,22	20	0,41	0	0,08	0,72	NC
<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,1	0,64	Si
<i>Inga capitata</i> Desv.	Ingá	5	5	0,22	20	0,41	0	0,08	0,71	Pi
<i>Niemeyera intermedia</i> (Baill.) ined.	-	5	5	0,22	20	0,41	0,01	0,31	0,94	NC
<i>Coussarea ilheotica</i> Müll.Arg.	-	5	5	0,22	10	0,2	0	0,06	0,49	NC

<i>Inga thibaudiana</i> DC.	-	5	5	0,22	15	0,31	0	0,07	0,6	NC
<i>Inga vera</i> Willd.	-	5	5	0,22	15	0,31	0,01	0,12	0,65	Si
<i>Cybianthus amplus</i> (Mez) G.Agostini	-	5	5	0,22	20	0,41	0	0,05	0,69	NC
<i>Vernonanthura divaricata</i> Perkins	-	4	4	0,18	15	0,31	0	0,06	0,55	Pi
<i>Pavonia</i> sp	-	4	4	0,18	15	0,31	0	0,06	0,54	NC
<i>Amaioua intermedia</i> Mart. Ex Schult. & Schult.f.	-	4	4	0,18	15	0,31	0,02	0,37	0,86	Si
<i>Marlierea excoriata</i> Mart.	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,07	0,66	St
<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	Tiborna	4	4	0,18	15	0,31	0	0,03	0,51	NC
<i>Bathysa nicholsonii</i> K.Schum.	Banha-de-galinha	4	4	0,18	15	0,31	0	0,11	0,59	Si
Apocynaceae sp1	-	4	4	0,18	15	0,31	0	0,03	0,52	NC
<i>Aspidosperma sprucenum</i> Benth. ex Mull.Arg.	-	4	4	0,18	15	0,31	0	0,03	0,52	Si
<i>Maytenus distichophylla</i> Mart. ex Reissek	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,04	0,63	NC
<i>Colubrina glandulosa</i> Perkins	-	4	4	0,18	5	0,1	0	0,08	0,36	NC
<i>Pourouma vellutina</i> Mart. ex Miq.	Tararanga-de-lixia	4	4	0,18	20	0,41	0	0,11	0,7	Pi
<i>Nectandra membranacea</i> (Sw.) Griseb.	Louro-sabão	4	4	0,18	20	0,41	0,01	0,12	0,71	St
<i>Cordia glabrifolia</i> M.Stapf	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,03	0,62	NC
<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,05	0,63	Cx
<i>Stephanopodium blanchetianum</i> Baill.	Borboleta	4	4	0,18	20	0,41	0,03	0,63	1,22	NC
<i>Pouteria grandiflora</i> (A.DC.) Baehni	Bapeba	4	4	0,18	15	0,31	0	0,08	0,57	Si
<i>Ocotea longifolia</i> Kunth	-	4	4	0,18	10	0,2	0	0,06	0,44	NC
<i>Pouteria reticulata</i> (Engl.) Eyma	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,04	0,63	St
<i>Myrcia amazonica</i> DC.	-	4	4	0,18	15	0,31	0	0,04	0,52	NC
<i>Licania lamentanda</i> Prance	-	4	4	0,18	5	0,1	0	0,09	0,39	NC
<i>Stephanopodium magnifolium</i> Prance	Borboleta	4	4	0,18	15	0,31	0	0,06	0,55	NC
<i>Protium aracouchini</i> (Aubl.) Marchand	Amescla	4	4	0,18	20	0,41	0	0,07	0,65	NC
<i>Myrcia neobullata</i> Mattos	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,07	0,66	NC
<i>Swartzia flaemingii</i> Raddi	Jacarandá-branco-do-litoral	4	4	0,18	20	0,41	0	0,09	0,68	Cx
<i>Couepia bondarii</i> Prance	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,11	0,69	NC
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	-	4	4	0,18	20	0,41	0	0,11	0,69	Si
<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.	-	4	4	0,18	10	0,2	0	0,03	0,42	Si
<i>Unonopsis bahiensis</i> Maas & Orava	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,08	0,52	NC

<i>Manilkara longifolia</i> (A.DC.) Dubard	Paraju	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,49	NC
<i>Sarcaulus brasiliensis</i> (A.DC.) Eyma	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	NC
<i>Pausandra morisiana</i> (Casar.) Radlk.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	NC
<i>Peltogyne angustiflora</i> Ducke	Pau-roxo	3	3	0,13	10	0,2	0	0,02	0,36	St
<i>Erythroxylum squamatum</i> Sw.	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,05	0,39	NC
<i>Senna hirsuta</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,06	0,51	NC
<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Óleo-branco	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	Si
<i>Phyllanthus cladotrichus</i> Mull.Arg.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,48	NC
<i>Marlierea</i> cf. <i>obversa</i> D.Legrand	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	NC
<i>Plinia</i> cf. <i>edulis</i> (Vell.) Sobral	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	NC
<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,48	Cx
<i>Tachigali multijuga</i> Benth.	Inguaçu-Gigante	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,48	Cx
<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	-	3	3	0,13	5	0,1	0	0,04	0,28	Pi
<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers ex Benth.	Cocão	3	3	0,13	10	0,2	0	0,11	0,45	NC
<i>Talisia macrophyla</i> Radlk.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Aspidosperma cruentum</i> Woodson	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,08	0,52	Si
<i>Maytenus brasiliensis</i> Mart.	-	3	3	0,13	10	0,2	0,01	0,14	0,48	NC
<i>Guarea guidonia</i> C.DC.	-	3	3	0,13	10	0,2	0,01	0,17	0,51	Si
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Miroró	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,48	Si
<i>Miconia fasciculata</i> Gardner	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	Pi
<i>Byrsonima japurensis</i> A.Juss.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	NC
<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	NC
<i>Eugenia</i> cf. <i>supraaxillaris</i> Spring	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Faramea bicolor</i> J.G.Jardim & Zappi	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Guatteria pogonopus</i> Mart.	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,07	0,41	St
<i>Eugenia dichroma</i> O.Berg	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	NC
<i>Neea laxa</i> Poepp. & Endl.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Pouteria</i> cf. <i>procera</i> (Mart.) K. Hammer	Mucuri	3	3	0,13	10	0,2	0	0,06	0,4	NC
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	Mundururu-branco	3	3	0,13	10	0,2	0	0,12	0,45	Pi
<i>Cordia superba</i> Cham.	Baba-de-boi-preto	3	3	0,13	10	0,2	0	0,04	0,38	Si
<i>Guapira hirsuta</i> (Choisy) Lundell	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,1	0,45	St
<i>Xylosma prockia</i> (Turcz.) Turcz	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,09	0,54	Si

<i>Myrcia hartwegiana</i> (O.Berg) Kiaersk.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.	Buranhém	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	St
<i>Myrcia insularis</i> Gardner	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,04	0,48	NC
<i>Alseis pickelii</i> Pilg. & Schmale	-	3	3	0,13	5	0,1	0	0,03	0,27	NC
<i>Myrcia macrocarpa</i> DC.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,07	0,51	NC
<i>Zanthoxylum acuminatum</i> (Sw.) Sw.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,08	0,52	NC
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Almécega	3	3	0,13	15	0,31	0	0,1	0,54	Si
<i>Eugenia neoglomerata</i> Sobral	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,09	0,53	NC
<i>Eugenia oblongata</i> O.Berg	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,05	0,49	NC
<i>Duguetia bahiensis</i> Maas	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,04	0,38	NC
<i>Ocotea oppositifolia</i> S.Yasuda	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	NC
<i>Symplocos guianensis</i> (Aubl.) Gürke	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,03	0,37	NC
<i>Symplocos nitens</i> (Pohl) Benth.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,02	0,46	NC
<i>Myrcia</i> sp	-	3	3	0,13	10	0,2	0,01	0,15	0,49	NC
<i>Ocotea sulcata</i> Vattimo-Gil	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,06	0,4	NC
<i>Myrcia spectabilis</i> DC.	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,02	0,36	St
<i>Cryptocarya riedeliana</i> P.L.R.Moraes	-	3	3	0,13	10	0,2	0	0,04	0,37	NC
<i>Cupania bracteosa</i> Radlk.	-	3	3	0,13	15	0,31	0,01	0,14	0,58	NC
<i>Rudgea pachyphylla</i> Mull.Arg.	-	3	3	0,13	15	0,31	0	0,03	0,47	NC
<i>Trichilia ramalhoi</i> Rizzini	-	3	3	0,13	15	0,31	0,03	0,76	1,2	NC
<i>Tabebuia elliptica</i> (DC.) Sandwith	Ipê-branco	2	2	0,09	5	0,1	0	0,03	0,22	NC
<i>Daphnopsis granulosa</i>	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,32	NC
<i>Tabebuia macrocalyx</i>	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,01	0,2	NC
<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire et al.	Matatauba	2	2	0,09	10	0,2	0	0,05	0,34	Pi
<i>Tabernaemontana flavicans</i> Wild. ex Roem. & Schult.	-	2	2	0,09	5	0,1	0,01	0,17	0,36	St
<i>Ocotea aciphylla</i> (Nees & Mart.) Mez	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	St
<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.	Pau-vidro	2	2	0,09	10	0,2	0	0,06	0,36	Cx
<i>Senna acutisepala</i> (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	NC
<i>Dendropanax</i> sp	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,02	0,21	NC
<i>Tabernaemontana salzmännii</i> A.DC.	Pau-de-cachimbo	2	2	0,09	5	0,1	0	0,04	0,23	Pi
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Cobi-amarelo	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,13	0,43	Pi
<i>Garcinia</i> sp	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,33	NC

<i>Nectandra cuspidata</i> Nees	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,09	0,39	NC
<i>Chrysophyllum splendens</i> Spreng.	Bapeba	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,16	0,45	St
<i>Diospyros artanthifolia</i> Mart.	Carrapato	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	NC
<i>Picramnia bahiensis</i> Turcz.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	NC
<i>Ocotea deflexa</i> Rohwer	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,32	NC
<i>Marlierea racemosa</i> (Vell.) Kiaersk.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	NC
<i>Diospyros brasiliensis</i> Mart. Ex Miq.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,32	NC
<i>Marlierea regeliana</i> O.Berg	-	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,28	0,57	NC
<i>Matayba intermedia</i> Radlk.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,05	0,34	NC
<i>Plinia cf. rivularis</i> (Cambess.) Rotman	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,32	NC
<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	-	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,27	0,57	Si
<i>Eugenia candolleana</i> DC.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,32	NC
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Copiã-mirim	2	2	0,09	10	0,2	0	0,07	0,36	Si
<i>Siparuna cymosa</i> Tolm.	Erva-de-rato	2	2	0,09	10	0,2	0	0,06	0,35	NC
<i>Eugenia cf. magnifica</i> Spring ex Mart.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,06	0,35	NC
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,07	0,36	Pi
<i>Terminalia dichotoma</i> E.Mey.	Pequi-amarelo	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,24	0,53	NC
<i>Miconia latecrenata</i> (DC.) Naudin	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,05	0,24	Pi
<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex J.A Schmidt) Lundell	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,02	0,21	NC
<i>Cordia candida</i> Vell.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,05	0,34	NC
<i>Moldenhawera blanchetiana</i> var. <i>mulijuga</i> L.P.Queirorz et al	Faveca	2	2	0,09	5	0,1	0	0,02	0,21	Si
<i>Mollinedia gilgiana</i> Perkins	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,07	0,36	NC
<i>Mollinedia marquetteana</i> Peixoto	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,32	NC
<i>Mollinedia oligantha</i> Perkins	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,05	0,24	Cx
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaia	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	St
<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Benth.	Amargoso	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	St
<i>Ocotea laxa</i> (Nees) Mez	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,33	St
<i>Ocotea leucoxydon</i> (Sw.) Laness.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	NC
<i>Cordia toqueve</i> Aubl.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,32	NC
<i>Beilschmiedia linharensis</i> As. Nishida & van der Werff	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,32	NC
<i>Myrcia cf. laxiflora</i> Cambess.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	NC

<i>Myrcia crocea</i> Kiaersk.	-	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,16	0,45	NC
<i>Eugenia mandioccensis</i> O.Berg	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,34	NC
<i>Licania bahiensis</i> Prance	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,04	0,23	NC
<i>Bathysa mendoncae</i> K.Schum	Banha-de-galinha	2	2	0,09	5	0,1	0	0,03	0,22	St
<i>Licania kunthiana</i> Hook.f.	Oiti	2	2	0,09	5	0,1	0	0,01	0,2	St
<i>Aspidosperma</i> sp	-	2	2	0,09	5	0,1	0	0,02	0,21	NC
<i>Pradosia subverticillata</i> Ducke	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	NC
<i>Cordia stipulacea</i> C.Perss. & Delprete.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	NC
<i>Swartzia apetala</i> Raddi	Coração-de-negro	2	2	0,09	10	0,2	0,01	0,32	0,62	St
<i>Guapira</i> sp.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,32	NC
<i>Myrcia neocambessedean</i> a E.Lucas & Sobral	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	NC
<i>Myrcia pseudomarlierea</i> Sobral	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	NC
<i>Licania naviculistipula</i> Prance	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,34	NC
<i>Eugenia pisiformis</i> Cambess.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,03	0,32	St
<i>Myrcia pseudospectabilis</i> Sobral	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,04	0,33	NC
<i>Psychotria mapourioides</i> DC	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	NC
<i>Myrcia pubipetala</i> Miq.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	St
<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	Laranjeira-da-mata	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	St
<i>Rauvolfia grandiflora</i> Mart.	Pau-de-cachimbo	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	St
<i>Ouratea gigantophylla</i> (Erhard) Engl.	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	NC
<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg	-	2	2	0,09	10	0,2	0	0,02	0,31	St
<i>Exostyles venusta</i> Schott	Mucitaíba-folha-miuda	2	2	0,09	10	0,2	0	0,01	0,31	Cx
<i>Palicourea blanchetiana</i> Schltdl.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Emmotum affine</i> Miers	Aderninho-da-praia	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
Sapotaceae	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Macrothumia kuhlmannii</i> (Sleumer) M.H.Alford	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,05	0,2	St
<i>Jacaranda duckei</i> Vattimo	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Tabebuia stenocalyx</i> Sprague & Stapf	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	NC
<i>Calyptanthus</i> cf. <i>glaziouviana</i> Kiaersk.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,12	0,27	NC
<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	Guabiraba	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Pi
<i>Campomanesia laurifolia</i> Gardner	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Caryocar edule</i> Casar.	Pequi-preto	1	1	0,04	5	0,1	0	0,05	0,19	Si

<i>Manilkara maxima</i> T.D.Penn.	Maçaranduba-do-brejo	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Ocotea argentea</i> Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Nectandra cissiflora</i> Nees	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Si
Dichaptalaceae	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Marlierea affinis</i> (O.Berg) D.Legrand	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,16	NC
<i>Eugenia arenaria</i> Cambess	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Glycydendron amazonicum</i> Ducke cf.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Lacmellea bahiensis</i> J.F. Morales	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,05	0,2	NC
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	1	1	0,04	5	0,1	0	0,05	0,2	NC
<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.	Mundururu-ferro	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Chomelia pedicellata</i>	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Chrysophyllum lucentifolium</i> Cronquist	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	St
<i>Ocotea daphnifolia</i> (Meisn.)Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	St
<i>Senna quinquangulata</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Flor-de-maio	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Eugenia ayacuchae</i> Steyerm.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Plinia callosa</i> Sobral	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Simarouba amara</i> Aubl.	Marupá	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,16	Si
<i>Hirtella santosii</i> Prance	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,07	0,22	NC
<i>Clusia lanceolata</i> Cambess.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Humiriastrum mussungense</i> Cuatrec.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Coccoloba alnifolia</i> Casar.	Itaipoca	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	NC
<i>Virola gardneri</i> (A.DC.) Warb	Bicuiba-vermelha	1	1	0,04	5	0,1	0	0,03	0,18	St
<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	-	1	1	0,04	5	0,1	0,01	0,16	0,31	Si
<i>Hydrogaster trinervis</i> Kuhlm.	Bomba d'água	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Cx
<i>Coccoloba</i> cf. <i>mosenii</i> Lindau	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Miconia budlejoides</i> Triana	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,16	Pi
<i>Pouteria bangii</i> (Rusby) T.D.Penn.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,05	0,19	Si
<i>Pouteria bilocularis</i> (H.K.A.Winkl.) Baehni	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Eugenia</i> cf. <i>pauciflora</i> DC.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	NC
<i>Ocotea divaricata</i> (Nees) Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Ocotea elegans</i> Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	St

<i>Pouteria cf. guianensis</i> Aubl.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,03	0,18	NC
<i>Lecythis lurida</i> (Miers) S.A.Mori	Inhaíba		1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	St
<i>Sloanea</i> sp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Terminalia mameluco</i> Pickel		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Vochysia</i> sp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Pouteria cuspidata</i> (A.DC.) Baehni		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,16	NC
<i>Cordia insignis</i> Cham.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Solanum bahianum</i> S.Knapp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Cordia</i> sp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	NC
<i>Eugenia florida</i> DC.	Murta		1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Si
<i>Mollinedia ovata</i> Ruiz & Pav.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Eugenia lascada</i>		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Mouriri bahiensis</i> Morley		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Ocotea magnilimba</i> Kosterm.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Mouriri chamissois</i> Naudin		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Ocotea nitida</i> (Meisn.) Rohwer		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,06	0,21	NC
<i>Pouteria</i> sp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,04	0,19	NC
<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Leucocloro</i>		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,06	0,21	NC
<i>Myrcia eumecephylla</i> (O.Berg) Nied.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Pouteria venosa</i> subsp. <i>Amazonica</i> T.D.Penn		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Cx
<i>Myrcia lacerdaeana</i> O.Berg		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Myrcia laruotteana</i> Cambess.		-	1	1	0,04	5	0,1	0,01	0,15	0,29	NC
<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Cambess.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	Si
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá		1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	St
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	St
<i>Ocotea notata</i> (Nees & Mart.) Mez		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau		1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Myrcia mutabilis</i> (O.Berg)N.Silveira		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0	0,15	NC
<i>Apocynaceae</i> sp		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,04	0,19	NC
<i>Ficus pulchella</i> Schott		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Annonaceae</i> sp2		-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC

<i>Zanthoxylum nemorale</i> Mart.	Laranjeira-brava	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Eugenia pachnantha</i> O.Berg	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Bahiella infundibuliflora</i> J.F.Morales	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.	Fruto-de-urubu	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	St
<i>Inga blanchetiana</i> Benth.	Ingá piloso	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Guatteria candolleana</i> Schltld.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Si
Fabaceae sp	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Licania salzmännii</i> (Hook.f.) Fritsch	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Cx
<i>Tibouchina fissinervia</i> (Schrank & Mart. ex DC.) Cogn.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Randia calycina</i> Cham.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,16	NC
<i>Eugenia stictopetala</i> DC.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Symplocos</i> sp	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Ocotea percurrens</i> Vicent.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Ocotea prolifera</i> (Nees & Mart.) Mez	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Tocoyena longiflora</i> Aubl.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,02	0,17	NC
<i>Eugenia tinguyensis</i> Cambess.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Inga</i> sp1	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	Cinzeiro	1	1	0,04	5	0,1	0	0,03	0,18	NC
<i>Inga striata</i> Benth.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Si
<i>Symplocos</i> sp1	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	St
<i>Myrcia teresensis</i> Nic Lugh.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Roucheria columbiana</i> Hallier	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Inga tenuis</i> (Vell.) Mart.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Roupala montana</i> Aubl.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	Si
<i>Aiouea laevis</i> (Mart.) Kosterm.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
Annonaceae sp1	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
Rubiaceae	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC
<i>Ouratea oliviformis</i> (A.St.-Hil.) Engl.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Ruellia paniculata</i> L.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Arapatiella emarginata</i> R.S.Cowan	Arapati	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Guatteria aff. ferruginea</i> A.St.-Hill.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC

<i>Ixora bracteolaris</i> Mull.Arg.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,15	NC
<i>Mysine coriacea</i> (Sw.) R.Br. Ex Roem. & Schult.	-	1	1	0,04	5	0,1	0	0,01	0,16	NC

